

A guerra no século XXI ou a terceirização da guerra*

Natália Aruguete e Walter Isaia, de “Página 12”

Em entrevista ao jornal argentino Página 12, Dario Azzellini, pesquisador italiano das novas guerras, defende que “a guerra não é mais para instalar outro modelo econômico; ela é o modelo”. “O sentido da guerra mudou. Tradicionalmente era para trocar as elites e o controle das economias, ou introduzir outro modelo de domínio econômico ou político. Agora, em muitos casos, as guerras são permanentes. Não se faz a guerra para implementar outro modelo econômico, mas a guerra mesmo é o mecanismo de lucros”, afirma o historiador. A idéia do conflito permanente cria condições para o surgimento de um modelo econômico que seria impossível de instalar em condições de paz. Ao mesmo tempo, é cada vez mais importante a intervenção de companhias militares privadas (CMPs) em todo o mundo, do Iraque até a Colômbia.

Página 12 — Que significa a denominação de novas guerras que o senhor usa no livro “O Negócio da guerra”?

Azzellini: No debate acadêmico e — em parte — o político, a expressão novas guerras foi introduzida para denominar o fato de que mais e mais guerras não se dão entre países, mas no interior dos países ou, pelo menos, entre um exército regular e um irregular. A expressão, porém poderia ser ampliada porque, com as modificações de estratégias de sua condução, vemos que até os países com exércitos regulares estão transferindo a violência para empresas privadas ou estruturas paramilitares: atores que não são os tradicionais nas guerras comuns.

Página 12 — Acabaram as guerras entre estados?

Azzellini: Não é que tenham acabado. Pelo contrário, na última década também houve um aumento das guerras entre países, mas se apresentaram de outra maneira. Os ataques ao Afeganistão ou Iraque foram guerras entre países, mas a porcentagem das guerras irregulares em comparação com as regulares está aumentando

Página 12 — Isso obedece à lógica neoliberal?

Azzellini: Dizemos que obedece a certas lógicas do neoliberalismo no sentido de aumentar lucros. O sentido da guerra mudou. Tradicionalmente, era para trocar as elites e o controle das economias, ou introduzir outro modelo de domínio

* Tradução de entrevista concedida a Natália Aruguete e Walter Isaia, de *PÁGINA 12*, da Argentina, por Dario Azzellini, pesquisador e historiador italiano. Fonte: ARUGUETE, N.; ISAIA, W. A Guerra no Século XXI ou a terceirização da guerra. Carta Maior, out. 2009. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16184>. Acesso em: 23 mar. 2010. Texto original disponível em <www.azzellini.net/node/2219>. Acesso em 17 abr. 2010.

econômico ou político. Agora, em muitos casos as guerras são permanentes. Não se faz a guerra para implementar outro modelo econômico, mas a guerra mesmo é o mecanismo de lucros.

Página 12 — Por exemplo?

Azzelini: Por exemplo, Colômbia. Muito dos lucros nesse país são porque — praticamente — é um país em guerra. Durante os últimos 20 anos, a passagem da pequena e média agricultura para a agroindústria se fez com uma guerra. Se não fosse assim, não teria sido possível expropriar as terras de milhões de camponeses e fazer uma reforma agrária ao contrário, na qual os latifundiários e paramilitares se apropriaram de seis milhões de hectares de terra.

Página 12 — Neste cenário, como fica o lugar do estado?

Azzelini: Em todo o discurso liberal se diz que o estado está supostamente perdendo o controle desses atores armados. Fundamentalmente, no caso da Colômbia. Creio que os estados não perdem o controle e, se o perdem, é em pequenos pontos. Simplesmente, estão terceirizando as funções repressivas ou de guerra, criando mais confusão. Os grupos paramilitares colombianos foram criados pelas dificuldades do Estado em conseguir financiamento internacional nos anos 80, pela responsabilidade do exército ou da polícia em delitos contra os direitos humanos. Logo se montou o *show* da suposta desmobilização dos paramilitares, mas, já no final dos 90, era de conhecimento público que o paramilitarismo estava coordenado, fomentado e controlado pelo exército e as autoridades colombianas.

Em 2000, a Human Right Watch publicou uma análise da Colômbia, cujo título era *Paramilitarismo, a sexta divisão do exército colombiano*

(o exército colombiano tinha cinco divisões). Nesse informe, esclarecem que o paramilitarismo é parte integral da situação do exército colombiano e que o processo de desarmamento é uma farsa. Os supostos paramilitares desmobilizados aparecem em outras zonas da Colômbia, onde ainda se necessita do paramilitarismo como estratégia ou como supostos grupos rearmados

Página 12 — Como e quando nascem as companhias militares privadas (CMPs)?

Azzelini: As primeiras nascem imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, porque o exército dos Estados Unidos tinha grande capacidade de transporte, que já não necessitava manter, e começou a privatizar parte do transporte. Porém, o verdadeiro *boom* dessas empresas começou em fins dos anos 80 e foi reforçado de forma maciça nos 90. Na primeira guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, a relação entre os empregados das CMPs e os soldados era de 1 para 100. No Afeganistão, de 1 para 50/40. Agora, no Iraque, há 180 mil empregados das CMPs, segundo dados do próprio exército norte-americano. Quantidade maior do que a dos soldados do exército.

Página 12 — Que atividades exercem estas companhias?

Azzelini: Todas as que alguém possa imaginar. O emprego de armas sofisticadas (como aviões não tripulados, radares ou mísseis de navios estadunidenses) na primeira onda de ataques ao Iraque foi realizado por especialistas de empresas privadas. Além disso, distribuem a correspondência, cozinham ou lavam a roupa dos soldados, montam os acampamentos militares, as prisões. No caso da prisão de Abu Ghraib, houve julgamentos e investigações contra menos de 10 soldados dos

das forças rebeldes iraquianas quando a cidade de Falluja esteve tomada pela resistência. As forças da empresa Blackwater se infiltraram para fazer atentados e pôr bombas.

Página 12 — Os empregados das CMPs são os contratistas que a cadeia CNN menciona, por exemplo?

Azzelini: Sim. São os empregados destas empresas. O exército contrata as empresas, e as empresas, a estas pessoas. Porém, não apenas o exército. No Iraque, todas as embaixadas e empresas contratam CMPs para custódia e segurança. Na Colômbia, a colombiana Ecopetrol, que explora campos petrolíferos junto com a OXI dos Estados Unidos, contrata a CMP AirScan, da Flórida, para fazer sobrevoos e obter informações de tropas insurgentes que estejam perto dos campos e do oleoduto, desde Caño Limon até o porto onde se exporta petróleo para os Estados Unidos. Em 1998, a vila de Santo Domingo foi bombardeada por helicópteros do exército colombiano, que causaram quase 20 mortos. Fez-se uma investigação, julgaram os pilotos do exército colombiano, que disseram que bombardearam, mas somente seguindo ordens. A AirScan passou informação ao exército de que nessa vila havia uma coluna guerrilheira, por isso a bombardearam.

Página 12 — Então cuidam dos negócios das empresas e brindam serviços ao exército.

Azzelini: É parte do trabalho. No caso do campo petrolífero de Cano Limon, é uma cooperação bem organizada e partilhada. A empresa de segurança é paga pelas empresas e apoiada pelo exército colombiano e pelos Estados Unidos com tecnologia. É um conjunto de empresas públicas e privadas, exércitos, CMPs e polícias, que formam uma rede que garante a saída do petróleo da Colômbia para os Estados Unidos.

Página 12 — Nessa trama, as CMPs têm relação direta com os estados e os exércitos?

Azzelini: A operacionalização é a seguinte: os Estados Unidos fazem o Plano Colômbia, e grande parte do dinheiro nunca chega à Colômbia, só atravessa a rua do Pentágono, já que em frente estão as sedes de muitas das empresas militares privadas que vão trabalhar na Colômbia. Há que destacar que, enquanto nas guerras clássicas, os soldados tinham o interesse de terminar a guerra, estas empresas não, porque só ganham se há conflito. Provavelmente, não agem com o espírito de terminar com esses conflitos porque perderiam seu ganha-pão.

Página 12 — Há vínculos comprovados com o narcotráfico na Colômbia?

Azzelini: Houve casos de vários empregados de empresas que estiveram implicados em casos de narcotráfico. É muito difícil averiguar, mas se pode supor que haja alguns contatos entre algumas empresas e o narcotráfico.

Página 12 — Dentro das tarefas das CMPs na Colômbia, inclui-se agir contra dirigentes sindicais?

Azzelini: Sim. A British Petróleo contratou uma empresa que fazia trabalhos de inteligência com movimentos sociais e indígenas que estavam na zona. Os paramilitares assassinaram líderes sociais e sabe-se que as CMPs passavam informação ao exército. Os militares dizem que não os mataram, que foram os paramilitares, mas a ligação fica clara.

Página 12 — Como atuam estas companhias no México?

Azzelini: Há alguns mercenários israelenses que apoiaram o treinamento para a

formação de grupos paramilitares em Chiapas. Mas é pouco claro. A construção do paramilitarismo no México é diferente da construção do colombiano. Na Colômbia, organizaram-se tropas irregulares, que se apropriaram das terras, casas etc. No México, criaram-se comunidades paramilitares. Elas são infiltradas, preparadas e se tornam comunidades paramilitares.

Página 12 — Como se vincula a ação destas companhias com a violência sexual na Guatemala?

Azzelini: O caso da Guatemala é anterior ao das construções paramilitares, como as auto-defesas civis, pagas para apoiar o exército em seu trabalho genocida. A violência sexual se encaixa porque é parte integral da guerra desde sempre. Assassinaavam os homens e violavam e ficavam com as mulheres. Isso rompe o tecido social de toda a comunidade.

Página 12 — Estas estruturas paramilitares, com as CMPs e os estados, formam modos de controle social e paraestatalidades?

Azzelini: Sim, paraestatalidades porque têm território ou representam o estado. Salvador Mancuso — ex-chefe paramilitar colombiano que foi extraditado em 15 de maio de 2009 para ser julgado nos Estados Unidos — disse em uma entrevista à RCN que controlavam congressistas e que, para chegar ao cargo, tinham que concordar com eles, caso contrário, não recebiam votos. A Colômbia é claramente um “narcoestado” paramilitar. Não controlam zonas, senão as que estejam no Estado. Isso também explica as ligações com as empresas privadas. No norte da Colômbia, empresas bananicultoras pagavam uma porcentagem por cacho de bananas aos paramilitares para a segurança.

Página 12 — Há empregados das CMPs refêns das FARC?

Azzelini: Há três (*), mas é um caso complicado. Um avião pequeno, emprestado pelo Pentágono a uma empresa, sobrevoava as zonas guerrilheiras para transmitir informação sobre as colunas e os chefes guerrilheiros e foi abatido. Supunha-se que os estadunidenses em mãos das FARC eram da empresa, mas logo se soube que eram da CIA e que se usava a empresa como véu.

(*). *Devem ser os três americanos libertados junto com Ingrid Betancourt.*

Página 12 — Existe alguma estratégia dos Estados Unidos para a América Latina na qual participem as CMPs em médio ou longo prazo?

Azzelini: Há dois elementos. Um é a grande base de dados de ex-militares formados, que participaram de ditaduras e foram adaptados às novas formas de atuação do exército dos Estados Unidos para trabalhar no Iraque. Há milhares de empregados latino-americanos trabalhando para as CMPs: ex-militares da Argentina, Chile, Honduras, El Salvador e polícias especiais do Brasil e Peru. Neskowin tinha sua sede em Montevideu e recrutava ex-militares argentinos e uruguaios para a Blackwater (***) no Iraque. O segundo é a ampliação maciça do paramilitarismo em alguns países da América Latina. Na Venezuela, começa a haver contatos com grupos da oposição. Na Bolívia também, com os autonomistas de Santa Cruz. E no Equador, para formar como uma espécie de “contra” *stand by* em médio prazo. Na Venezuela, pode-se traduzir em uma combinação entre as estruturas paramilitares e o pessoal contratado que monte algo similar à “contra”, como foi na Nicarágua.